

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

RELATO DE EXPERIENCIA

Socialização de idosos institucionalizados: oficina de pintura em uma ILPI de Rio Grande, RS*

Socialization of institutionalized elderly: painting workshop in a ILPI of Rio Grande, RS

Socialización de ancianos institucionalizados: taller de pintura en una ILPI de Rio Grande, RS

Denise Maria Maciel Leão
Brenda Rodrigues Ongaratto
Maria Rita Carvalho Vaz
Sarah John

RESUMO: A Oficina de Pintura é um projeto de extensão do Programa Núcleo Universitário da Terceira Idade da Universidade Federal do Rio Grande (NUTI/FURG), realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. O objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de acadêmicas do Curso de Psicologia na implementação desse projeto com idosos institucionalizados. Em encontros semanais foram disponibilizados desenhos e materiais de pintura. A intervenção mostrou-se um espaço de possibilidades para o desenvolvimento de interações sociais entre os idosos participantes.

Palavras-chave: Idosos; Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI); Psicologia do Envelhecimento.

ABSTRACT: *The Painting Workshop is an extension program of the Third Age University Center of the Federal University of Rio Grande (NUTI/FURG) which takes place at a Long Term Care Institution for the Aged. The objective of this paper is to report the experience of academics of the Psychology Course in the implementation of this project with elder persons that live in these institutions. Drawings and painting supplies were provided in weekly meetings. The experience created manifold possibilities for the development of social interactions among the elderly participants.*

Keywords: *Elderly; Institution of Long Stay for the Elderly (ILPI); Psychology of Aging.*

RESUMEN: *El Taller de Pintura es un proyecto de extensión del Programa Núcleo Universitario de la Tercera Edad de la Universidad Federal de Rio Grande (NUTI / FURG), realizado en una Institución de Larga Permanencia para ancianos. El objetivo del presente trabajo es relatar la experiencia de académicas del Curso de Psicología en la implementación de ese proyecto con ancianos institucionalizados. En encuentros semanales se pusieron a disposición dibujos y materiales de pintura. La intervención se mostró un espacio de posibilidades para el desarrollo de interacciones sociales entre los ancianos participantes.*

Palabras clave: *Ancianos; Institución de larga permanencia para ancianos (ILPI); Psicología del Envejecimiento.*

Introdução

O fenômeno do acelerado processo de envelhecimento da população brasileira implica a necessidade de adequações nas políticas sociais, particularmente naquelas voltadas a atender as crescentes demandas nas áreas da saúde, previdência e assistência social. O crescimento da população idosa se torna um desafio tanto do ponto de vista econômico quanto social para governos e sociedade. A população brasileira de pessoas com mais de sessenta anos chega a 23,5 milhões, e a média de idade do nosso idoso já ultrapassa 70 anos, confirmando o aumento tanto da expectativa média de vida, quanto da população idosa (IBGE, 2013).

Este aumento populacional desta fase da vida humana requer intervenções, pesquisas e a formação de políticas públicas que promovam um envelhecimento mediado por ações voltadas a saúde física e mental desta população.

Mantidas as tendências dos parâmetros demográficos, implícitas na projeção da população do Brasil, o país percorrerá velozmente um caminho rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido.

As projeções da Organização Mundial de Saúde (2005) indicam que até 2025 o nosso país será o sexto com maior população de idosos. De acordo com a Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, novas necessidades foram explicitadas pela pessoa idosa, como de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança e saúde preventiva. A fim de atender a essas novas expectativas foram estruturados nos últimos trinta anos instrumentos legais que garantem proteção social e ampliação de direitos às pessoas idosas (Brasil, 2010).

Ao longo do processo de envelhecimento humano é comum que algumas capacidades físicas diminuam, o que muitas vezes acaba por comprometer a autonomia e independência do sujeito e refletir significativamente em seu cotidiano. Limitações na capacidade funcional e cognitiva do indivíduo podem levar a família ou o próprio idoso a buscar atendimento em instituições. Ainda que as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) sejam locais procurados para resolver parte desses problemas, não têm sido qualitativa e quantitativamente suficientes para responder às demandas atuais (Freitas, & Scheicher, 2010). Somando-se a isso, muitos idosos podem perceber a institucionalização como perda de liberdade, abandono e aproximação inexorável da morte (Alves-Silva, Scorsolini-Comim, & Santos, 2013).

Além do possível rompimento de laços familiares, o período de adaptação do idoso a uma ILPI pode ser estressante, devido à necessidade de adaptar-se a uma rotina diferente, conviver com funcionários e outros moradores sem vínculo afetivo inicial. A capacidade da pessoa idosa de interagir com as demais influenciará diretamente na adaptação, socialização e convivência neste espaço novo (Machado, Campos, & Rabelo, 2013).

A Psicologia em conjunto com outras áreas do conhecimento tem o compromisso de se engajar em projetos de ensino, pesquisa e extensão que considerem a realidade dos idosos institucionalizados. Durante a formação do estudante, o envelhecimento é contemplado pelo ensino em disciplina específica e ele pode participar das atividades extensionistas, como as proporcionadas pelo NUTI/FURG, RS. O Conselho Federal de Psicologia e a Ordem dos Advogados do Brasil publicaram um relatório, resultado de uma inspeção a 24 instituições de longa permanência para idosos (ILPI) em 11 estados e no Distrito Federal. Os dados sistematizados apontaram para uma situação de abandono e sugerem que talvez “não exista lugar mais urgente para se iniciar estas transformações do que nas instituições de longa permanência para idosos” (CFP, 2008).

As incapacidades desencadeadas no processo de envelhecer estão extremamente ligadas a aspectos subjetivos do idoso, à forma como o sujeito percebe seu envelhecimento e ao quanto ele se sente dono de sua existência.

No caso de idosos institucionalizados, a possibilidade de realizar uma atividade em grupo pode estimular sentimentos de reconhecimento e pertencimento àquele espaço e àquelas pessoas (Morais, 2009).

O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato de experiência interventiva por meio do Projeto de Extensão Oficina de Pintura do Programa Núcleo Universitário da Terceira Idade, NUTI da Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

O NUTI/FURG articula diversos projetos (de ensino, pesquisa e extensão) interdisciplinares voltados ao desenvolvimento humano, com foco no processo de envelhecimento e defesa dos direitos da pessoa idosa. É composto por idosos, professores, bolsistas remunerados e voluntários da FURG e da comunidade. O programa tem como objetivo orientar os idosos em determinadas áreas de conhecimento, instrumentalizando-os para atuarem como produtores e transformadores de seu próprio envelhecimento e conhecedores de seus direitos. Ações nas mais diversas áreas como saúde, educação e lazer são desenvolvidas tendo como horizonte os direitos humanos e a valorização do ser idoso. No caso da Psicologia, sentiu-se a necessidade de levar o estudante a ter contato também com os idosos institucionalizados, além do público que frequenta as atividades no *Campus*.

A ação do presente relato foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) do litoral do Rio Grande do Sul, implementada por três acadêmicas e coordenada por uma docente do Curso de Psicologia. O NUTI/FURG mantém uma parceria desde 2012 por meio do Curso de Psicologia, para a realização de estágios obrigatórios nas áreas de Psicologia Institucional, Comunitária, Educacional e Desenvolvimento Humano, além de visitas com alunos de graduação. Foram realizados os estágios obrigatórios em 2013, 2014 e 2016. Em 2012 foram realizados estágios de curta duração. E de 2013 ao presente ano são implementados projetos de extensão.

ILPI é um local para pessoas com 60 anos e mais que não têm condições de permanecer com a família ou em sua residência. Também são conhecidas como asilo, abrigo, lar para idosos, casa de repouso ou clínica geriátrica. Devem proporcionar atendimento institucional integral nas áreas da medicina, enfermagem, psicologia, serviço social, fisioterapia, terapia ocupacional, odontologia, entre outras (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2003).

A existência das normas operacionais de funcionamento de uma ILPI não significa, entretanto, avanços na efetivação de políticas públicas de implementação ou de monitoramento da qualidade dos dispositivos que podem estar “funcionando como depósito para o confinamento social e afetivo, o que torna a velhice sinônimo da espera/preparação apenas para a morte” (Araújo, Coutinho, & Santos, 2006).

Materiais e Método

Local do estudo: A intervenção foi realizada em uma ILPI privada situada no centro da cidade de Rio Grande, RS, localizada no litoral do Rio Grande do Sul. A instituição é centenária e possui diversos fins de acolhimento ao longo de sua história, inclusive de moradores de rua. Atualmente possui um residente adulto e 65 idosos, sendo 38 do sexo feminino e 27 do sexo masculino. De acordo com a enfermeira da equipe de saúde esse adulto mora há 14 anos e tem diagnóstico de esquizofrenia. A instituição é organizada em dois espaços: um possui uma infraestrutura com acomodações individuais; e o outro é composto por duas alas (masculina e feminina) em acomodações coletivas. Os cargos de presidência e tesouraria são voluntários, possui uma equipe administrativa de secretaria, portaria e outros serviços de apoio e a equipe de saúde e cuidadores. Na equipe de saúde há um médico que realiza visitas mensais e uma enfermeira que comanda as técnicas de enfermagem e cuidadoras. Não há psicólogo na instituição. Em outubro de 2014 foi realizada uma visita à ILPI com o intuito de apresentar a proposta da oficina. Com a afirmativa da instituição, no mês seguinte foram iniciados encontros semanais com duração de uma hora e meia. O local disponibilizado inicialmente foi uma sala ampla localizada na ala masculina. A partir de setembro de 2015, devido a temporais que danificaram a sala, os encontros passaram a ser realizados na biblioteca, espaço mais visível localizado na recepção principal da instituição.

Período da intervenção: Para o relato da intervenção procedeu-se ao recorte de 12 meses, de novembro de 2014 a novembro de 2015. O projeto Oficina de Pintura em ILPI continua suas atividades de forma ininterrupta em 2016 e pretende se transformar em atividade permanente do Núcleo Universitário da Terceira Idade (NUTI/FURG).

Participantes: Participaram da intervenção, um total de 23 idosos, sendo 14 mulheres e 9 homens. A média foi de 7 de participantes por encontro, que atingiu o mínimo de 3 pessoas e o máximo de 11 no período apresentado. Uma idosa mudou-se para outra instituição e quatro faleceram no período do relato ou poucos meses após. No quadro a seguir são informados nomes fictícios, idade e tempo de institucionalização dos idosos.

Quadro 1

Nome, gênero, idade, tempo de institucionalização dos idosos

Nome	Idade	Tempo de instituição
Bárbara	77	4 anos
Carla	68	3 anos
Denis	58	14 anos
Gilsa	79	3 anos
Gisele	71	3 anos
José	69	2 anos
Josefa	77	8 meses
Júlia	88	7 anos
Lúcia	83	10 meses
Maria	69	10 meses
Marisa	94	5 anos
Matheus	85	6 anos
Nelson	82	1 ano
Pedro	83	2 meses
Ronaldo	69	3 anos
Rosa	94	2 anos
Simone	75	3 anos
Teresa	75	5 anos
Vera	65	3 anos
Victor	75	8 anos

Instrumentos: A ideia inicial da oficina de pintura foi disponibilizar mandalas para serem pintadas com lápis de cor e canetas hidrocor. No entanto, foi necessária a adequação dessa proposta para melhorar a aderência, já que alguns idosos apresentavam problemas motores ou de visão que dificultavam a pintura de desenhos com muitos detalhes.

A partir daí passou-se a selecionar desenhos de interesse dos participantes e compatíveis com suas necessidades. Em algumas datas comemorativas (Natal e Páscoa, por exemplo) foram selecionados desenhos temáticos. As figuras foram escolhidas da internet e impressas em folha A4 ou A3. Também foi oferecida a oportunidade de desenho livre.

Com relação aos materiais de pintura, primeiramente foi percebida a preferência dos idosos pelo uso de canetas hidrocor, pelo fato de facilitar para a cor aparecer no papel. Posteriormente adquiriu-se giz de cera pelo mesmo motivo. Em outro momento, numa tentativa de inovar a experiência da oficina, foram disponibilizadas tintas, além de pincéis; alguns idosos estiveram abertos a essa nova experiência enquanto outros preferiram manter o método já conhecido. As novidades eram introduzidas gradativamente, com o cuidado de observar a aceitação e adaptação dos idosos aos diferentes materiais.

Procedimentos: Nos dias de encontro, após a identificação na recepção da ILPI, as bolsistas organizavam a mesa de atividades na sala. Os materiais e os desenhos foram dispostos em cima da mesa para que os participantes pudessem ter livre a escolha do que utilizar. Uma bolsista sempre permanecia dentro da sala, enquanto as outras duas realizam a busca ativa, ou seja, iam até o salão principal e convidavam os idosos para participar da oficina. Aqueles com dificuldades de locomoção eram acompanhados até o local. Raras vezes as acadêmicas visitaram idosos nos leitos, no caso da impossibilidade de comparecerem à sala da oficina. Com algumas adaptações, foi possível fazer a atividade mesmo sem o idoso sair de suas acomodações.

Durante o encontro, os participantes interagiram livremente e as bolsistas permaneceram disponíveis para auxiliá-los no que precisassem. Ao término da atividade, o nome e a data foram escritos nos desenhos pelos próprios participantes ou pelas bolsistas, quando necessário (alguns não aprenderam a escrever e outros foram perdendo a habilidade). As acadêmicas registraram em foto cada participante com suas respectivas pinturas. As fotos foram arquivadas e serão utilizadas em um estudo posterior e há uma possibilidade de ser organizada uma exposição dessas pinturas originais. Para os participantes com maior autonomia foram disponibilizadas pastas para guardarem seus próprios desenhos individualmente; os demais desenhos foram organizados pelas bolsistas em uma pasta coletiva.

Em cada encontro, a observação das interações entre os idosos e as acadêmicas e entre os idosos é registrada no diário de campo, para serem posteriormente utilizadas na escrita do relatório anual do projeto. As atividades são supervisionadas mensalmente por uma docente do Curso de Psicologia.

As acadêmicas receberam literatura especializada sobre envelhecimento e institucionalização de idosos, e foram estimuladas a escreverem seus registros de campo estabelecendo articulação com os estudos em Psicologia do Envelhecimento.

Além do presente artigo, as acadêmicas prepararam-se para apresentações orais dentro da própria Universidade e em eventos universitários de extensão na Região Sul.

Resultados

Nos primeiros encontros, foi dada a devida atenção para a conquista da confiança e para a formação de um vínculo com os idosos, o que cuidadosamente se mantém através da ininterruptão das atividades. Contudo, no início das atividades da oficina os idosos pouco interagiam. Ao longo dos encontros, os participantes foram aumentando essas interações. Observou-se que comportamentos como alcançar o material da mesa, pedir uma dica sobre a pintura do desenho, mostrá-lo e pedir a opinião do colega começaram a aparecer em praticamente todos os idosos, incluindo aqueles cujas atitudes sugerem um quadro demencial. A quantidade de desenhos pintados por encontro acompanhava o ritmo de cada participante, sendo que alguns chegaram a pintar quatro desenhos, enquanto outros não conseguiram concluir o primeiro desenho fornecido durante a oficina. Foram observadas falas dos idosos sobre outros idosos moradores, obviamente ausentes naquelas ocasiões. Esse dado é importante, pois se trata do cotidiano desses idosos, e talvez uma intervenção específica para discutir o assunto possa ser elaborada posteriormente. Serão apresentadas a seguir algumas histórias captadas ao longo dessa experiência de socialização com os idosos. De acordo com a metodologia da intervenção, foram utilizados os dados construídos no diário de campo das acadêmicas (foi mantida a escrita dos registros na primeira pessoa do plural), como segue:

João: era um idoso que não tinha nenhuma das pernas e percebíamos que também tinha certa dificuldade para pronunciar as palavras. No primeiro encontro, ele solicitou um barco para pintar e comentou que trabalhava com barcos; no encontro seguinte levamos o desenho e durante a oficina aconteceu algo inusitado: João começou a contar em forma de poesia a história do Brasil desde a descoberta até a colonização. A pronúncia dele nesse momento foi mais clara do que havia sido no encontro anterior. Ao final, os outros idosos o aplaudiram. Na semana seguinte descobrimos que João havia falecido poucos dias após o ocorrido. Esse foi o nosso primeiro contato com a morte dentro da ILPI, que se deu logo no início de nossa experiência (3º encontro).

Simone: uma idosa simpática e receptiva, que participou pela primeira vez no nosso quarto encontro. De acordo com a enfermeira da ILPI, tem diagnóstico de Alzheimer.

Simone também conhece o idioma japonês e inglês; no entanto, os discursos são confusos assim como na língua portuguesa. No início das oficinas, ela ficava muito dispersa, com dificuldade de se concentrar na tarefa de pintar; tinha também certa dificuldade de interação social mas participava assiduamente dos encontros. Algumas melhorias foram percebidas com o tempo, inclusive foram notadas a partir da pintura (Simone começou a contornar os desenhos; o retorno que tivemos se deu a partir, principalmente, do relato de uma cuidadora da ala feminina e também de outra participante da oficina sobre as melhoras que elas haviam percebido em relação ao comportamento da idosa, principalmente quanto à inquietude e à dificuldade de concentração. Atualmente ela ainda não consegue preencher completamente os desenhos, porém interage muito mais com os demais participantes. Apesar de apresentar uma fala com pouca conexão com a realidade, algumas vezes nos surpreendeu com algum comentário lúcido, como por exemplo, em um encontro (dia 8 de setembro), no qual ela falou sobre a necessidade de comprar uma mesa nova, mostrando que estava atenta à situação, visto que a mesa balançava enquanto eles pintavam.

Matheus: passava quase sempre pelo local onde realizamos a oficina e perguntava sobre o horário, mas quando era convidado a se juntar ao grupo sempre recusava. Até que um dia ele decidiu participar da oficina, mas preferiu desenhar a pintar, e nos surpreendeu a qualidade de seus desenhos (aviões, navios), apesar de ele não concordar com isso. Resolvemos pintar um dos seus desenhos; quando ele viu achou muito bonito o próprio desenho pintado. Mesmo assim, participou poucas vezes da oficina.

Teresa: foi um caso que pudemos acompanhar um declínio semanalmente. No início, ela se encontrava sempre muito vaidosa e descontraída, teve uma boa adesão às atividades. Aos poucos percebemos alguns comportamentos que nos levaram a associar a sintomas possivelmente depressivos. Ela já havia relatado sobre o abandono dos filhos, que pouco a visitavam na instituição. Era muito triste para ela, que sentia a falta especialmente do filho caçula. Somando-se a isso, ela sofreu uma queda, um dos eventos mais comuns na velhice. A partir daí, notamos um declínio na sua capacidade motora, até que ela precisou da cadeira de rodas para se locomover, o que já dificultou a participação dela na oficina porque ela ficava sentada no sofá, e isso exigia que uma funcionária ajudasse na sua locomoção. Mesmo assim, Teresa frequentava a oficina ou pintava no próprio sofá e até na sua cama. O declínio aumentou gradualmente com o decorrer do tempo; Teresa precisou ser hospitalizada duas vezes até que recebemos a notícia de seu falecimento. Foi uma perda que nos marcou.

Denis: desde o início ficava rondando a oficina e parecia nos “espionar”, o que nos causava estranhamento, visto que é um homem grande e que não se comunicava conosco. Uma funcionária da instituição convenceu Denis a participar, pois tinha interesse em preencher seu tempo com outra atividade que o desviasse de pedir e fumar cigarro o dia inteiro. Logo na sua primeira participação, ele pintou quatro desenhos e descobrimos que ele sabia escrever quando assinou seu nome, e também ler. Os funcionários e os próprios participantes ficaram muito surpresos com a participação dele, e a cuidadora relatou que percebeu melhorias no seu comportamento (demonstrou estar mais calmo) e percebemos uma evolução na sua comunicação durante a oficina. Luís não é idoso, mas está envelhecendo nessa instituição, provavelmente continue sendo morador até o fim de sua vida. A nossa orientadora, que também é supervisora de estágio de Psicologia nesse local, ficou satisfeita em saber que conseguimos a adesão do Denis.

José: tinha metade de seu corpo paralisado em decorrência de um acidente vascular cerebral, o que exigiu o uso de cadeira de rodas. José apareceu na oficina e foi convidado a participar e aceitou. Enquanto pintava e contava sua história, José se emocionou e chorou algumas vezes. A partir daí, começou sempre a nos esperar antecipadamente. José foi o primeiro participante que continuava a pintar depois de o sino do café tocar; certo dia perguntamos a ele por que ele não ia tomar café, quando respondeu: “Café tem todos os dias; isso aqui é só de vez em quando”. No dia 20 de outubro tivemos a notícia de que ele teve outro AVC e foi hospitalizado, vindo a falecer.

Bárbara: nos primeiros meses de oficina aparecia, mas dizia que não se interessava pelos desenhos que a gente oferecia e que preferia pintar tecidos. A aproximação com ela não se deu pela oficina em si, mas se formou um vínculo através de conversas, nas quais ela revelou que estava passando por uma fase depressiva, e aos poucos começou a participar das atividades propostas, mas como sempre revelou que tinha maior habilidade artística; ela mesma desenhava e pintava de formas diferentes. Passou a nos esperar todas as terças-feiras e relatou o quanto os encontros eram importantes para ela, e que era uma motivação para ela conseguir sair do quarto. Bárbara participa de várias atividades oferecidas na ILPI e busca tornar o ambiente mais agradável para viver.

Alguns idosos verbalizaram relatos positivos pela realização desse projeto de extensão. Ainda bem no início da oficina, no terceiro encontro, uma das idosas, de 92 anos de idade, enquanto pintava, disse admirar o trabalho, a paciência que tivemos com eles, e que Deus está vendo todo o bem que estamos fazendo, e que retribuiria em forma de saúde para todas as acadêmicas.

Outro exemplo está descrito no diário da oficina do dia 20 de outubro de 2015: uma idosa disse: “eu pedi pra Deus para que vocês viessem, e ele me atendeu, vocês vieram”. Para a coordenadora do projeto, que também supervisiona os estágios obrigatórios nessa instituição por meio do NUTI/FURG, esse comportamento que sugere sentimentos de gratidão pelo trabalho da Universidade é comum, repetindo-se com os estagiários. Este aspecto poderia ser investigado por meio de uma pesquisa posterior com o objetivo de analisar as avaliações dos idosos sobre as ações da universidade que são desenvolvidas na ILPI.

Discussão

Os relacionamentos sociais são impactantes no cotidiano do idoso, e a Oficina de Pintura do NUTI/FURG possibilitou um espaço para criação de laços entre os moradores da instituição. Durante os encontros os participantes descobriram informações sobre os colegas, antes desconhecidas, como onde trabalharam e estudaram, e perceberam que possuíam assuntos em comum. De acordo com Bastisoni, Neri e Cupertino (2010), as redes de suporte social estão relacionadas diretamente com resiliência psicológica, bem-estar subjetivo, resiliência do *self* e diminuição da vulnerabilidade à depressão em idosos.

Ao longo do desenvolvimento das atividades, puderam-se observar significativos momentos de interação social; no entanto, não se pode afirmar que esse processo de socialização se deu principalmente pela intervenção do Curso de Psicologia por meio da Oficina de Pintura, já que outras atividades são desenvolvidas nesta instituição, tanto pela própria Universidade, como por outros dispositivos da comunidade. Destacam-se como benefícios proporcionados por esse tipo de atividade nas ILPIs aspectos que podem promover a redução da frequência ou a intensidade dos sintomas depressivos e a consequente melhora da qualidade de vida dos idosos (Aguiar, & Macri, 2010).

Esses benefícios foram verificados através dos comentários dos participantes e da observação da interação em cada encontro ao longo do período do relato. Questões relacionadas à autoestima foram observadas, como no caso dos idosos que diziam que não saber mais “fazer essas coisas”, e depois de alguma prática se orgulharam dos desenhos que pintaram; alguns colaram seus trabalhos nas próprias acomodações; outros colocaram em classificadores para mostrarem aos cuidadores e familiares.

Sobre a melhora no ato de pintar, nestes casos, observou-se que “a prática não só preserva habilidades existentes, como também renova habilidades supostamente perdidas ou em declínio” (Stuart-Hamilton, 2002, 57).

O aumento da interação entre os participantes foi o ponto alto da oficina, que se tornou um espaço de convivência em que os idosos podiam conversar e conviver. A interação se deu por diferentes formas, mas no geral, ocorreu em torno da pintura, como consta no relatório do encontro do dia 15/09/15: “A Simone mostrou o desenho para o Victor e perguntou se 'tava bonitinho?', e ele disse que sim”. Outro exemplo de relato de interação foi encontrado no relatório do encontro do dia 22/09/15: “José e Marisa conversaram bastante. Lúcia elogiou o chapéu do Victor”.

Com o passar do tempo, alguns idosos passaram a esperar as acadêmicas na entrada da instituição e dirigiam-se sozinhos à sala. Já com relação aos idosos com dificuldades de locomoção, ainda se tornava necessária a busca ativa. É importante destacar o caráter aberto e espontâneo da adesão à intervenção, já que novos membros eram sempre convidados a participar da oficina. Outro ponto importante a destacar é que, com o passar do tempo, as cuidadoras começaram, de forma autônoma, a incentivar a participação dos idosos chamando-os e auxiliando-os no deslocamento até a sala.

A infraestrutura fornecida tornou-se insuficiente, na medida em que o número de idosos interessados em participar da oficina era maior do que o tamanho da mesa comportava. Além das cadeiras já dispostas, era necessário acrescentar os cadeirantes, o que deixava o espaço mais limitado para cada participante. Algumas vezes era necessário colocar alguns idosos para pintar nos sofás, o que não é ergonômico, principalmente por suas condições de saúde.

Constatou-se que a quantidade, e os idosos que participavam de cada oficina, variava, o que pode ter ocorrido pelo fator climático, por outras atividades ocorrendo na instituição ou fora dela, visitas, problemas de saúde dos residentes, disponibilidade das cuidadoras em auxiliar no deslocamento dos idosos até o local da atividade. Todos esses aspectos precisaram ser considerados pela supervisão do projeto para que os estudantes não se sentissem desmotivados em dar continuidade às atividades. Conforme relatado na metodologia, a participação chegou a um mínimo de três idosos, fato avaliado como a realidade para aquele dia, e não, necessariamente, como algo negativo.

A Oficina de Pintura mostrou-se um espaço possível para o desenvolvimento de relações sociais entre os participantes. Também foram observados comportamentos de ajuda entre eles durante a execução das atividades da oficina.

Alguns preconceitos e estereótipos foram verbalizados pelos idosos, o que pode indicar a necessidade de uma intervenção psicológica específica para a discussão de temas que emergiram durante momentos da oficina. É importante a manutenção da oficina, assim como criação de grupos permanentes de interação entre os idosos, para que eles possam ser estimulados em contínuos processos de socialização na velhice.

Dois últimos aspectos merecem destaque no relato dessa experiência: a vivência da perda, com a morte de alguns idosos participantes da oficina; e o acompanhamento da possível queda terminal percebida em uma idosa que também faleceu (Teresa). As acadêmicas receberam preparação teórica sobre luto e morte, mas foi no contato direto com a perda de alguns participantes da oficina que vivenciaram o luto por esses idosos, assim como perceberam como a instituição e os idosos se comportam nesses momentos delicados.

Da mesma forma, durante a disciplina de Psicologia do Envelhecimento, as acadêmicas estudaram sobre o construto de queda terminal. Conseguiram identificar, nas atividades da oficina, o comportamento de uma idosa que teve um declínio considerável em suas condições gerais de saúde, em um curto espaço de tempo, até sua morte. As acadêmicas não poderiam indicar quais habilidades estavam declinando neste caso, mas, por meio do desempenho e forma de participação na oficina, que se deu inclusive em seu leito, foi possível perceber que a idosa foi piorando em seu estado geral. A coordenadora do projeto teve contato com essa idosa desde 2012 por meio dos estágios do Curso de Psicologia na instituição e acompanhou sua participação nas ações ao longo desses três anos. Embora não tenha sido submetida à testagem necessária para identificação das possibilidades de declínio, a coordenadora reconhece que houve mudanças importantes na capacidade e motivação da idosa de se envolver nas atividades. Estudos indicam que a queda terminal existe “mas devemos interpretá-la cuidadosamente, uma vez que os pesquisadores ainda não sabem, com certeza, quais habilidades estão envolvidas” (Stuart-Hamilton, 2002, p. 55).

Considerações Finais

O objetivo do trabalho foi alcançado: relatar a experiência interventiva do Projeto de Extensão Oficina de Pintura do Programa NUTI/FURG em uma ILPI localizada em Rio Grande, RS.

A socialização dos idosos institucionalizados, com vistas a um processo de envelhecimento ativo e participativo, deve incentivar a preservação de habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida com relativa independência e autonomia dentro da instituição. Para muitos residentes em ILPI, participar de grupos, frequentar ações que valorizem o idoso, durante horários e locais específicos, faz com que vivenciem a sensação de pertencimento àquele lugar em que mora.

A intervenção buscou estimular cognitiva e socialmente os participantes. Observou-se que uma atividade pode contribuir para o aumento da autoestima e maior interação social entre os idosos. A continuidade do projeto, com funcionamento ininterrupto, mesmo nos recessos acadêmicos, é um dos aspectos que garante tanto a adesão quanto a aderência dos idosos. O caráter de abertura do grupo com a aceitação de novos integrantes a cada dia da oficina associado ao seu funcionamento contínuo foram marcas construídas ao longo do tempo num relacionamento bidirecional entre acadêmicas e idosos. Ainda foi observado que alguns cuidadores passaram na sala para ver as pinturas e conversaram rapidamente com as acadêmicas e idosos. Como essa ILPI recebe projetos de vários dispositivos da cidade, sendo, em sua maioria, de curta duração ou em caráter de visita única, os funcionários podem ter percebido que essa oficina semanal funcionou rigorosamente, e, talvez esse aspecto tenha sido um diferencial. Na continuidade do projeto, em momento posterior, esse aspecto poderia ser analisado por meio de instrumento específico de avaliação da intervenção sob a visão desses cuidadores.

Considerou-se que o projeto beneficiou tanto os participantes da oficina quanto as acadêmicas, com a oportunidade do contato e da aprendizagem sobre a velhice. A coordenação do projeto incentiva que outros acadêmicos participem e deem continuidade à ação, ao mesmo tempo em que deixa clara sua especificidade: a condição de idosos moradores em ILPI. O estudante da Universidade está habituado a observar os idosos no *Campus* em atividades físicas, na maioria das vezes, motivados e ativos. A realidade em uma ILPI tem se mostrado bastante diversa. Exatamente a disponibilidade de atuar com um público idoso com prováveis dificuldades socioeconômicas, afetivas e familiares é outro diferencial da proposta. A oficina de pintura, uma intervenção psicológica com idosos institucionalizados configura-se em um projeto contínuo do Núcleo Universitário da Terceira Idade, como uma das formas do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande contribuir na disseminação do conhecimento na área do envelhecimento humano. Conclui-se que a inserção do estudante em ILPIs é um caminho que a Psicologia pode trilhar na formação do estudante. E, por fim, o relato dessa experiência conseguiu apontar algumas possibilidades de novas intervenções e pesquisas nas áreas de envelhecimento e desenvolvimento humano.

Referências

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., Santos, Manoel Antônio dos. (2013). Idosos em Instituições de Longa Permanência: Desenvolvimento, Condições de Vida e Saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 820-830. Recuperado em 30 julho, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023>.
- Aguiar, A. P., & Marci, R. (2010). Promovendo a Qualidade de Vida dos Idosos Através da Arteterapia. *Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental*, 2(Ed. Supl.), 710-713. Recuperado em 30 julho, 2016, de: doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2010.v0i0.%25p>.
- Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L., & Santos, M. F. S. (2006). Análise Psicossocial do Idoso em Instituições Gerontológicas. In: Falcão, D. V. S., & Dias, C. M. S. B. *Maturidade e velhice: Pesquisas e Intervenções Psicológicas*, 1. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Bastistoni, S. S. T., Neri, A. L., & Cupertino, A. P. (2010). Sintomatologia depressiva e suporte social na velhice. In: Falcão, D. V. S., & Araújo, L. F. de. (Orgs.). *Idosos e Saúde Mental*. São Paulo, SP: Papirus.
- Brasil. (2010). *Programa Nacional de Direitos Humanos (PnDH-3)* / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília, DF: SDH/Pr.
- Conselho Federal de Psicologia (2008). *Relatório de Inspeção a Instituições de Longa Permanência para Idosos*. Brasília, DF.
- Freitas, M. A. V., & Scheicher, M. E. (2010). *Qualidade de vida de idosos institucionalizados*. Rio de Janeiro, RJ: *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 13(3), 395-400. Recuperado em 30 julho, 2016, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v13n3/a06v13n3.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos & Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, n. 32. Rio de Janeiro, RJ: IBGE. Recuperado em 12 maio 2016, de: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>.
- Machado, J. G. O., Campos, C. G. O., & Rabelo, D. F. (2013). Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. Londrina, PR: *Est. Inter. Psicol.*, 4(2), 258-265. Recuperado em 30 julho, 2016, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200009.
- Morais, O. N. P. (2009). Grupo de Idosos: Atuação da Psicogerontologia no Enfoque Preventivo. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 846-855. Recuperado em 30 julho, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000400014>.
- OMS. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde.
- Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Seção São Paulo. (2003). *Manual de Funcionamento para Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)*. São Paulo, SP.
- Stuart-Hamilton, I. (2002). *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed.

* Versão anterior, preliminar, deste trabalho foi apresentada com o título “Oficina de pintura para idosos institucionalizados”, no evento: Seminário de Extensão Área do conhecimento: Direitos Humanos e Justiça”, pelos autores: Ongaratto, B. V., Carvalho, M. R., John, S., & Leão, D. M. M. (Orient.), na 14ª Mostra da Produção Universitária. Recuperado em 30 junho, 2017, de: file:///C:/Users/Dados/Downloads/brenda_ongaratto.pdf.

Recebido em 10/08/2016

Aceito em 30/06/2017

Denise Maria Maciel Leão - Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2006). É Professora Adjunta do Curso de Psicologia, Vice-Diretora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação e Coordenadora-Adjunta do Núcleo Universitário da Terceira Idade da Universidade Rio Grande, RS, FURG. URL: <http://www.furg.br>

E-mail: deniseleao@furg.br

Brenda Rodrigues Ongaratto - Graduanda do Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande, RS, FURG.

E-mail: brendaongaratto@yahoo.com.br

Maria Rita Carvalho Vaz - Graduanda do Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande, RS, FURG.

E-mail: mariaritacvaz@gmail.com

Sarah John - Graduanda do Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande, RS, FURG.

E-mail: sarahjohn_@hotmail.com